



APRENDIZAGEM, AVALIAÇÃO E PERCEPÇÃO DOS EDUCANDOS NA DISCIPLINA SOCIOLOGIA NA MODALIDADE SEMIPRESENCIAL

Rafael Ademir Oliveira de Andrade¹

Daniela Tissuya Silva Toda²

RESUMO

Este trabalho busca investigar a percepção e o perfil do aluno na educação semipresencial do Centro Universitário São Lucas em Porto Velho, estado de Rondônia, no que tange aos processos avaliativos, de aprendizagem e concepção do que é educação semipresencial. Para realizar tal atividade, os processos metodológicos adotados foram a investigação bibliográfica, a aplicação de questionário semiaberto com análise quantitativa e qualitativa das informações coletadas, usando o método de análise de conteúdo de Pierre Bardin (2009). As discussões teóricas realizadas giraram em torno das concepções educacionais e formativas do modelo semipresencial na perspectiva do perfil acadêmico analisado, dialogando com aspectos sociológicos e psicológicos da teoria educacional, visando maior amplitude da análise. Os resultados apontam que o educando tem ainda uma visão reduzida e apriorística da educação à distância e de suas potencialidades, baseando-se na perspectiva tradicional de educação e avaliação, necessitando da presença do professor como condutor, não como orientador, do processo de aprendizagem. Apesar de acreditarmos na amplitude social da cultura tecnológica, percebemos que ainda há muito o que caminhar para que cultura acadêmica assimile efetivamente este aspecto, fato que este artigo apresenta.

PALAVRAS CHAVE: Avaliação. Aprendizagem. Semipresencial. Estudante.

ABSTRACT

This work investigates the perception and profile of the student in semipresential education of São Luca University Center in Porto Velho, state of Rondônia, with respect to evaluation processes, learning and design of which is semipresential education. To perform this activity, the methodological process used were bibliographical research, the application of semi-open questionnaire with quantitative and qualitative analysis of information collected using the method of Pierre Bardin content analysis (2009). Theoretical discussions revolved around the educational and training concepts of semipresential model from the perspective of the analyzed academic profile, dialoguing with sociological and psychological aspects of educational theory, seeking greater breadth of analysis. The results show that the student still has a small and a priori view of distance education and its potential, based on the traditional view of education and evaluation, requiring

¹ Cientista Social e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Rondônia, docente no Centro Universitário São Lucas, contato em profrafaelsocio@gmail.com.

² Graduada em Sistemas de Informação e Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondônia. Docente no Instituto Federal de Rondônia, contato em danitissuya@gmail.com.

the presence of the teacher as a conductor, not as a guide, of the learning process. Although we believe the social breadth of technological culture, we realize that there is still much to walk to academic culture effectively assimilate this, the fact that this article presents.

KEYWORDS: Evaluation. Learning. Semipresential. Student.

INTRODUÇÃO

O artigo aqui escrito é resultado da intenção de investigar os índices de reprovação e outras formas de não aproveitamento da disciplina de Sociologia no Centro Universitário São Lucas, Instituição de Ensino Superior situada na cidade de Porto Velho, Rondônia, Brasil. Enquanto professor da disciplina e docente responsável pelo andamento e compreensão técnica das disciplinas semipresenciais da Instituição em que lecionamos e pesquisamos, fomos cooptados pelos números e pela alta rejeição dos educandos.

A disciplina Sociologia é ofertada na modalidade semipresencial para os seguintes cursos de graduação: Administração, Direito, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Odontologia, e tem as mesmas características curriculares da oferta presencial, com a diferença elementar na forma de contato do professor com os educandos e destes com os conteúdos ministrados. A modalidade semipresencial nessa instituição conta com 08 horas de ensino presencial e 52 horas a distância, com orientação do professor responsável a partir de mediação virtual, exigindo dos educandos maior autonomia na construção dos conhecimentos, do professor maior manejo dos conteúdos, tendo em vista que os encontros presenciais são limitados e exige de ambos certos domínios da tecnologia de informação voltada para a educação.

A avaliação da disciplina ocorre por um número vasto de ferramentas, especialmente as atividades discursivas, na qual o educando responde questões a partir de pesquisa no material didático básico, aqui denominado de Guia de Estudos (texto monográfico redigido pelo professor conteudista que vai guiar os estudos e pesquisas dos estudantes), participação em questionário virtual e aplicação de prova presencial, que pode ter questões discursivas ou objetivas.

Desta forma, a educação semipresencial tem suas peculiaridades de ensino, assim como o sistema presencial e totalmente à distância, e o que indaga os pesquisadores e a Instituição de Ensino Superior que fomenta esta pesquisa é a compreensão de um fenômeno que passou a ser analisado, o alto índice de reprovação nas disciplinas da modalidade semipresencial.

Este artigo pretende investigar a percepção dos alunos com relação à avaliação e aprendizagem nesta modalidade, assim como da própria disciplina de Sociologia, dentro de suas especificidades teóricas e curriculares. Para realizar tal intento, aplicamos um questionário não identificado para os estudantes com o objetivo de identificar suas percepções e dificuldades com relação ao aprender na disciplina e na modalidade de ensino e posteriormente analisamos os dados coletados à luz da teoria das ciências educacionais, especialmente tecnologias e educação e a sociologia educacional.

1. METODOLOGIA

O método de pesquisa realizado neste trabalho passa por algumas etapas de sua construção e explica em si a natureza do texto redigido. Nesta parte do artigo pretende-se apresentar as formas do método empregadas na análise das informações.

A priori e perpassando todo o processo de construção do conhecimento, fora realizada pesquisa bibliográfica com o intuito de expandir o conhecimento teórico e de dados construídos em pesquisas prévias sobre o tema. Dados fornecidos por entidades governamentais (devidamente citados no momento oportuno) foram utilizados para ampliar a perspectiva acerca dos dados obtidos. Artigos, livros e documentos legais servem como base referencial para o presente artigo. A pesquisa conta com a participação de 50 alunos do Centro Universitário São Lucas e a pesquisa documental serve para firmar os posicionamentos dedutivos frente aos pontos colhidos em questionário semiaberto aplicado aos discentes.

O questionário aplicado buscava colher informações sobre a questão sócio econômica e cultural dos educandos, assim como sua percepção sobre os fenômenos inerentes ao exercício de construção do conhecimento e práticas avaliativas da disciplina sociologia na modalidade semipresencial. No enfrentamento estatísticas do questionário fora utilizado o método dedutivo de análise, partindo do pressuposto lógico que aquele grupo amostral serve de base para se deduzir que todo o grupo possui as mesmas, ou semelhantes características. Na análise de discurso presente na parte aberta do questionário fora utilizada a análise do discurso de Laurence Bardin (2009).

O método da análise de conteúdo objetiva a elucidação dos significados que os atores sociais exteriorizam em seus discursos, permitindo ao pesquisador inferir sobre a rede de significados de produção e difusão que permeou a trajetória da comunicação e dos autores. Ter maior conhecimento sobre o processo de construção das comunicações permite ter acesso aos elementos

de construção social, realizando assim uma leitura elementar do objeto. Bardin (2009) parte do pressuposto que os agentes sociais expressam conteúdos culturais e ideológicos em suas falas e a análise destas permite a percepção de suas intenções e perspectivas sobre a vida social.

Foram realizadas neste trabalho as três fases apontadas por Bardin (2009) para execução de uma análise do conteúdo. A (1) pré-análise consiste na organização do material à ser analisado, já fixando qual o recorte que será analisado, no caso específico deste trabalho, nosso material de análise são os questionamentos e as falas dos discentes pesquisados.

Na segunda fase (2) será realizada a descrição e categorização do material, cabendo ao pesquisador agrupar falas e discursos que se assemelham em quadros analíticos, permitindo assim análise relacionada com conteúdo teóricos específicos. Nesta pesquisa, falas dos educandos das mesmas questões e discursos similares serão associados às categorias descritivas. A última fase é a de interpretação (3), sendo realizada uma reflexão e dedução do que fora construído nas duas fases anteriores, estabelecendo uma conexão com a realidade a partir dos contextos destacados.

A análise de conteúdo foi escolhida como método pois permite uma interconexão das falas categorizadas que, ao mesmo tempo, dá posição ativa tanto para o discurso quanto para o analista, permitindo um discurso fluente, prático e especializado, tendo em consideração que os autores da pesquisa são também professores no modelo semipresencial. Cabe salientar que as categorizações e modelos de análise serão expostos na parte referente à própria análise de conteúdo deste artigo, a quinta parte.

2. ANÁLISE ECONÔMICA E SÓCIO CULTURAL DOS EDUCANDOS

Consideramos importante analisar o perfil sócio econômico dos educandos pelos mais variados motivos. É importante reconhecer que a educação é uma forma de reprodução dos aspectos sociais, não sendo capaz de se isentar dos processos políticos, culturais e geográficos em que estão inseridos seus educandos, professores e colaboradores. Não apenas a seleção dos seus membros, mas a forma do currículo representa, para os estudantes, uma possibilidade de ascensão social e não apenas isto, reproduz a forma dominante do saber desconsiderando outras formas de cultura e conhecimento.

Bourdieu e Passeron (1975) em seu famoso livro “A Reprodução” vão afirmar que a taxa de sucesso escolar vai se relacionar diretamente com o acesso aos bens culturais e históricos que os educandos têm nas suas relações familiares. Em outras palavras, torna-se importante analisar qual a

origem de classe e o acesso aos bens culturais dos alunos vai definir o contato com bens culturais tal como teatro, cinema, música, livros, palestras, viagens, dentre outros. Vai representar também, se passarmos esta análise para a modernidade, que este aluno vai “consumir cultura” de alguma maneira, sendo ela a popular ou a de massas, já que tem pouco acesso ao que chamamos de “cultura erudita”.

Logo, para compreender os aspectos de um ensino tão voltado para a tecnologia e para certa habilidade de “aprender sozinho”, é preciso saber qual a característica do educando que entra em contato com ela. Assim como foi explicitado na explanação metodológica deste artigo, foram entregues 50 questionários e destes, 30 foram preenchidos e analisados. Apresentaremos nesta parte do artigo os resultados desta coleta de dados.

O primeiro dado analisado é que 78% dos nossos alunos são oriundos da rede pública de ensino e 22% da rede particular e nenhuma porcentagem de aluno da rede particular com bolsa. Este número se associa com outro aspecto pesquisado: 66% dos alunos do rol de questionados é bolsista FIES, 22% PROUNI, 5% outras formas de financiamento estudantil e 4% pagam suas mensalidades diretamente. Há uma relação entre alunos oriundos da escola pública e alunos com alguma forma de financiamento estudantil.

Estes alunos são oriundos da escola pública brasileira, cujos dados são importantes para nossa compreensão de sua formação prévia. Com base na prova Brasil (instrumento de análise da educação básica brasileira) do ano de 2013, é possível concluir que 60% dos alunos da quinta série tem dificuldade em compreender um texto simples, segundo o IDEB (índice que leva em consideração competências de português e matemática), Rondônia tem um coeficiente na disciplina português de 193,95, sendo que o recomendado é 325 a 425 dos ensinos das séries iniciais, fundamental e médio.

Estes dados locais corroboram com os dados nacionais no sentido de que nossos educandos da educação básica estão, em média, muito aquém do mínimo requerido para saber interpretar textos. Cabe ressaltar e realizar uma crítica: mesmo com o salário que não condiz com a preparação deste professor (para consulta, analisar editais de professores SEDUC-RO), com condições nem sempre saudáveis de execução de suas atividades e com uma taxa baixíssima de aprendizado (193,95 para português e 210,95 para matemática) Rondônia possui alto índice no IDEB (5,52, sendo a meta 6,00) e uma igualmente baixa taxa de reprovação, 07 a cada 100 alunos não são aprovados.

O que estes dados dizem sobre nossa população e, ao mesmo tempo, dos educandos pesquisados neste trabalho? Que mesmo tendo uma média de educandos que não sabem ler e

interpretar textos, os mesmos são aprovados e chegam ao ensino superior com estas habilidades não desenvolvidas para o exercício da vida acadêmica e social. Estes alunos irão ter que ter certa autonomia de leitura e produção para participar de disciplinas no modelo semipresencial.

A segunda questão analisada neste artigo é que temos um bom coeficiente dos alunos pesquisados que não exercem função remunerada - questionada como trabalho. Este percentual é de 70% dos alunos que não trabalham e 30% dos que exercem alguma função. Podemos perceber nesta questão que os educandos que não trabalharam, por lógica, devem ter mais tempo hábil para realizar suas atividades e leituras da modalidade presencial e semipresencial. Dentre os alunos que trabalham, 43% trabalham acima de 40 horas semanais, 43% entre 21 e 40 horas semanais e 14% possuem carga horária de até 20 horas.

Ainda nesta perspectiva laboral e somando com os debates realizados sobre o acesso à cultura destes educandos, fora questionado sobre a renda familiar dos mesmos. Os resultados demonstram que 51% dos educandos recebem de 01 a 03 salários mínimos, 37% de 04 a 07 salários mínimos, 6% de 08 a 11 salários mínimos e 6% acima de 11 salários mínimos.

Acredita-se que pelo grande investimento de financiamento estudantil e programas de bolsas acadêmicas o perfil do aluno recebido se enquadra exatamente no levantado por esta pesquisa. A dedução que se pode realizar destes dados se encaixa com as hipóteses dos pesquisadores, partindo da premissa que os educandos cursando suas graduações são de classes menos abastadas economicamente, com carga horária de trabalho alta para mediana e com renda familiar baixa para mediana, como demonstram os dados apontados nos parágrafos anteriores.

Os próximos 03 dados apresentados e analisados nesta pesquisa farão referência direta ao acesso aos bens culturais provenientes da leitura e permanência na rede mundial de computadores e vão somar à perspectiva levantada até aqui de que os educandos pesquisados, provenientes de uma classe social cujo acesso aos bens culturais é limitado. Sem esquecer da consideração de segundo análise mais recente do IBGE, o brasileiro usa de 6 a 9,7% de sua renda total familiar em gastos culturais (tabela 19 do documento referido na nota 04), o que compreende cinema, acesso à internet, livros, revistas, música, teatro, dentre outras formas. Entretanto, se retirarmos os gastos com telefonia (acesso à celulares e internet) os gastos médios com cultura variam de 3,6 a 6,3 (tabela 20 e 21 do documento referido na nota 04) apontando que considerável parte dos gastos com cultura do brasileiro são de acesso fixo ou móvel à internet e outras formas de comunicação, deixando poucas possibilidades para o gasto com outras formas de bens culturais, dentre eles livros de graduação e formação continuada.

Para efeito de exemplo, iremos analisar duas classes sociais de recorte monetário: a primeira recebe até 830 reais mensais e a segunda, mais de 6,225 reais mensais. A primeira classe tem um gasto de 6% com bens culturais e se retirarmos o gasto com telefonia, 3,6%. A segunda classe tem um gasto 9,7%, retirando o gasto com telefonia este número cai para 6,3%.

Utilizando-se da tabela 22 do relatório de informações de indicadores culturais fornecido pelo IBGE na análise das classes analisadas acima, percebemos que:

(a) a classe de renda até 830 reais, de sua renda voltada para cultura em geral (6%), dedicam 29,5% à aquisição de eletrodomésticos, 8,9% à eventos culturais, destes 5,8% em festas e apenas 1,7% com educação profissional e atividades de ensino, destes 0,8% com informática e 0,3% com material didático. (b) a classe de renda até 6,225 reais, de sua renda voltada para a cultura em geral (9,7) dedica 12,2% à aquisição de eletrodomésticos, 18,5% à eventos culturais, destes 9,7% em festas e 6,2% em educação profissional e atividades de ensino, 0,4% com informática e 1,1% com material didático.

A análise destas duas classes econômicas (a mais baixa e a mais alta na pesquisa do IBGE) nos permite realizar algumas análises importantes para a dimensão dedutiva do perfil do educando, em perspectiva complementar ao questionário aqui levantado. Primeiro de que os indivíduos das diversas classes sociais do Brasil têm um gasto inferior com bens culturais, voltando essencialmente para aquisição de eletrodomésticos e acesso à internet. Para a educação à distância, temos um elemento dúbio: temos educandos que investem cada vez mais em tecnologia e acesso às plataformas de ensino e ao mesmo tempo que possuem pouca instrução cultural além daquela realizadas nos centros de formação básica e superior. Somos um povo que gasta mais em festas e móveis do que em formação profissional e leituras especializadas. Ao que parece, estamos frente ao potencial desafio dos modernistas brasileiros de querer discutir arte moderna em uma sociedade que essencialmente não lia.

Voltando à pesquisa realizada com os nossos alunos, foram arguidos sobre a leitura de livros específicos e não específicos. Sobre a taxa de leitura anual de livros não específicos, 35% dos alunos afirmaram não ler nenhum, 26% de 01 a 03 livros por ano, 4% de 04 a 07 livros, 9% de 07 a 10 livros anuais e 4% não responderam à esta pergunta.

Sobre livros específicos da formação acadêmica, conseguimos os seguintes resultados. 9% não leem nenhum livro por ano, 30% de 01 a 03 livros, 17% de 04 a 06 livros, de 07 a 10 livros não fora uma opção marcada e acima de 10 livros, 35% dos alunos pesquisados, 9% não responderam a questão.

Dados que devem ser analisados: 61% dos alunos leem de nenhum a 03 livros não específicos por ano, ou seja, boa parte dos alunos não tem o hábito espontâneo de leitura e 39% dos alunos leem de nenhuma a 03 livros específicos da formação por ano e o que mais interessa, 9% destes não leem livro algum em sua formação acadêmica por ano.

Sobre as horas conectados à rede mundial de computadores por semana, obtivemos os seguintes dados: 61% dos alunos afirmam que ficam de 01 a 10 horas por semana conectados (número de horas que, somado às pesquisas das disciplinas presenciais, tempo nas redes sociais já seriam insuficientes para somar à isto as atividades das disciplinas semipresenciais, que de regra geral, são mais de uma), 17% ficam de 11 a 20 horas semanais, 9% de 21 a 30 horas e 13% acima de 31 horas.

E, dentro destas horas, aonde acessam à internet os alunos pesquisados? 39% dos alunos acessam em casa, 36% na faculdade, 7% em *lan house*, 7% no trabalho e 11% em outros (celular e laboratório de estágio). 75% dos alunos tem amplo acesso à internet, quer seja em sua casa ou usando as redes sem fio da instituição de ensino local da pesquisa. Este amplo acesso não justifica a falta de possibilidade de realizar as atividades do semipresencial e da disciplina pesquisa, o que podemos procurar analisar é uma questão cultural e de perfil acadêmico que pode ser expresso no discurso discente, analisado na parte seguinte deste trabalho.

3. AVALIAÇÃO, PRESENÇA E AUSÊNCIA DA SOCIOLOGIA: O DISCURSO DISCENTE.

Apesar da explicação já realizada acerca do método utilizado na análise dos discursos dos educandos, se torna necessário explicar também outro recorte realizado. É de experiência dos pesquisadores que realizar análise de discurso em um número grande de questionários poderia levar à uma perda da qualidade analítica e uma repetição dos dados obtidos, desta maneira, algumas formas de recortes foram utilizadas para que dos 50 questionários 20 fossem analisados no método aqui apontado.

Primeiro recorte fora o maior número de questões respondidas (1), alguns dos educandos sentiram-se coagidos em não responder o questionário em todas as questões, mesmo que fosse garantida o anonimato, pois os questionários eram entregues em lugares não visíveis pelo professor, após o final dos encontros. O segundo recorte se dá na complexidade das respostas (2), alguns alunos não se preocuparam em dialogar sobre suas respostas e se mantiveram no “sim e não”, o

terceiro recorte se dá pela busca de questionários dialogados e respondidos completamente (3) e por fim chegamos ao total de 20 artigos analisados, mais completos e sem identificação dos autores.

Afim de contemplar nossas hipóteses e inquietações científicas, foram destacadas 03 categorias de análise que, por sua vez, se desdobrarão em subcategorias. A primeira categoria é “Educação Semipresencial”, a segunda “Ensino de Sociologia”, a terceira “Desempenho na educação semipresencial”. A análise das falas dos educandos sobre estas perspectivas nos possibilitará deduzir sobre os temas, perfazendo uma discussão teórica e prática sobre os mesmos. Afirmamos aos leitores interessados na construção destas percepções dos autores que peçam, via e-mail de contato, as tabelas completas que foram mantidas como arquivo, mas não adicionadas à este texto devido à limitação de páginas e grande extensão das falas dos discentes. A partir de agora, iremos analisar as categorias definidas.

3.1 Educação Semipresencial

A primeira categoria “educação semipresencial” pretende analisar a percepção do educando sobre a modalidade semipresencial de ensino, qual a importância atribuída por eles à essa forma de ensino, qual o papel do educando e do professor no semipresencial.

A primeira subcategoria (A1) é sobre o entendimento do educando acerca da educação semipresencial. O primeiro grupo de alunos (01, 05, 14, 16) sintetiza o ensino semipresencial como forma de ensino que é realizada parte presencial e outra parte no meio online. Essa definição é encontrada em Voigt (2007) “a educação semipresencial é como uma ponte que liga a modalidade presencial clássica com a moderna educação a distância”. Nessa perspectiva, temos o sétimo e o nono grupo (alunos 08 e 09, respectivamente), que definem a forma semipresencial de educação como uma forma dinâmica, que mescla o ensino virtual com o que foi discutido em sala de aula, e permite flexibilidade nos horários.

Em contraponto aos grupos citados, as respostas do terceiro (aluno 04), sexto (aluno 07), oitavo (aluno 10) e décimo (aluno 12) grupos entendem que essa modalidade é uma forma de não ter o acompanhamento do professor durante todo o processo de ensino e aprendizagem, economizar espaço físico, ter disciplinas com carga horária menores, e ter disciplinas que não seriam ministradas em sala de aula. Essas respostas chamam atenção pelo fato de que no modelo de ensino semipresencial implantado na instituição pesquisada, além dos dois encontros presenciais, o docente fica disponível diariamente para orientar os educandos, por meio da ferramenta de comunicação “chat”, e em caso de dúvidas surgidas fora do horário de chat, o educando pode usar a ferramenta

de comunicação assíncrona “Diálogo entre aluno e professor” para entrar em contato com o professor, que responderá ao aluno dentro de 24 horas úteis, mas mesmo assim, fica evidente que uma parcela de alunos entende que não há a participação do professor durante todo o desenvolvimento da disciplina.

A resposta sobre o não uso do espaço de sala de aula surpreende pela simplicidade da resposta, dissertam sobre outros pontos didáticos, esse educando focou na economia do espaço físico, fato que realmente ocorre, mas que não é o aspecto fundamental da modalidade. O entendimento do grupo 08 (aluno 10) de que a modalidade em questão oferta disciplinas que não seriam ministradas em sala de aula, preocupa por revelar a percepção de que as disciplinas semipresenciais não seriam trabalhadas presencialmente, fato que não se afirma ao verificarmos as matrizes curriculares anteriores à implementação do semipresencial, o que sinaliza a não compreensão dos educandos acerca da modalidade. Por fim, a resposta do décimo grupo (aluno 12) demonstra a percepção do educando quanto à carga horária da disciplina, a qual é considerada menor que a das outras presenciais, levando-nos a compreender que apenas os encontros presenciais estão sendo computados pelo aluno, já que a disciplina completa possui 60 horas.

A segunda subcategoria (A2) foca percepção que o educando possui sobre o seu papel na educação semipresencial. Antes de nos debruçarmos nas respostas, é válido pontuar que um dos vieses da educação mediada por tecnologias, seja ela semipresencial ou totalmente à distância, é a autonomia do aluno no processo de aprendizagem o que não significa ausência do professor (Voigt, 2007).

Nesse prisma, todos os grupos, com exceção do grupo 7 (aluno 10) e do grupo 11 (aluno 18), respondem, que o papel do aluno é estudar o material a distância, se dedicar aos estudos, interagir com outros alunos, sanar as dúvidas nos encontros presenciais, dar a mesma importância que é dada às disciplinas presenciais para as semipresenciais. Dessa forma, verifica-se que os alunos têm consciência de que as disciplinas semipresenciais requerem autonomia da parte deles para a condução do “estudo dos materiais à distância”, e que essa forma de educação reserva os momentos presenciais para tira-dúvidas, ao invés de aulas expositivas.

Por último, o grupo 11 demonstra que para ele, o papel do educando é “aprender matérias”, sem fazer menção a qualquer aspecto mais aprofundado sobre o papel do aluno. Apesar de serem poucos os alunos que demonstraram pouco conhecimento sobre o aluno do semipresencial, as respostas obtidas são preocupantes pelo fato de que os alunos matriculados na disciplina

semipresencial de Sociologia não ingressantes, ou seja, já tiveram experiências prévias com outras disciplinas semipresenciais.

A terceira subcategoria (A3) aborda a concepção do aluno acerca do papel do professor na educação semipresencial. Dentre as respostas dadas, temos dois aspectos bem reforçados, sendo que um deles é a disponibilidade de tempo para auxiliar o aluno e esse realmente é um aspecto importante do professor semipresencial, visto que a maior parte da disciplina é realizada a distância, tornando imprescindível que o professor tenha tempo para dirimir as dúvidas dos alunos, orientá-los e motivá-los ao estudo.

Ainda sobre a disponibilidade do professor, ressaltamos que no modelo utilizado pela instituição pesquisada, é regra que o professor fique online (via chat) ao menos uma hora diária para tratar das dúvidas dos alunos, ou seja, o professor dessa instituição cumpre com o seu papel de disponibilidade de tempo para o aluno.

O outro aspecto bem pontuado nas respostas é a habilidade do professor em ser claro ao responder ao aluno, fator que também é imprescindível na educação mediada por tecnologias. É preciso que a resposta do professor tenha uma agilidade para que não atrapalhe o aprendizado do educando no modelo semipresencial, distanciando aluno de professor.

3.2 Ensino de Sociologia

Nesta categoria pretende-se analisar a percepção dos educandos com relação ao ensino de Sociologia na modalidade semipresencial, se eles gostariam que ela fosse presencial e qual a importância que os alunos pesquisados atribuem à tal pesquisa. Nosso objetivo é, além de debater o ensino da disciplina em si, diferenciar disciplina de modalidade, ou seja: a Sociologia é bem-vinda como disciplina em qualquer modalidade de ensino?

O primeiro tema é a importância da disciplina para a vida acadêmica (B1). Ressaltamos que neste ponto, boa parte dos alunos irão apontar que a Sociologia é importante para sua vida acadêmica, pessoal ou profissional, concedendo-lhes visões históricas, modernas ou multiculturais da sociedade. Como fuga da regra, destacamos dois grupos de discursos além do citado acima, o primeiro é formado por categorias de habilidades profissionais (alunos 09, 12, 15 e 18) que falam de ampliação de visão acadêmica, comunicação e estabelecimento de relações interpessoais. O segundo grupo afirma que não é uma disciplina que agrega ao curso, ambos alunos (16 e 17) são do curso de Fisioterapia, mesmo que as diretrizes curriculares nacionais para o curso de Fisioterapia

afirmem que o egresso deva exercer sua profissão articulada com o contexto social (CNE, 2002), tal qual falam em maior ou menor grau, as diretrizes curriculares dos cursos de graduação no Brasil.

Creemos que o ensino de Sociologia é visto com bons olhos por vários motivos, quer seja pela influência da fala docente nas aulas e relações virtuais, das discussões presentes nas redes sociais, resquícios mnemônicos do ensino médio, dentre outros.

No segundo ponto (B2) é analisada a pergunta: Você gostaria que a disciplina fosse presencial? Os alunos que afirmaram ser a favor (11 alunos) da disciplina na modalidade presencial afirmaram que a mesma possui muito conteúdo para pouco tempo de estudo e que as aulas presenciais poderiam facilitar a compreensão dos textos da disciplina. Estas falas significam que a questão é o aproveitamento da disciplina e a apreensão do conteúdo e desconhecem os alunos as possibilidades de outras metodologias de ensino da disciplina como debates, júris simulados, atividade de campo, dentre outras.

Uma considerável parte (08 de 20) dos alunos consideram que sua apresentação na modalidade semipresencial é suficiente e que a mesma “não é o foco do curso”. Estes alunos são dos cursos de Biomedicina, Medicina, Odontologia e Fisioterapia. É interessante perceber que a disciplina, apesar de ser importante, não é foco do curso e o modelo semipresencial (“rápido”) é considerado suficiente por esta parte dos educandos.

Precisa-se rever o papel do ensino de Sociologia e de outras disciplinas de formação humana, não apenas no desenho curricular, mas no imaginário do corpo docente e discente das instituições de formação superior. Mesmo que o ensino superior e a educação civilizadora estejam amparados no tripé do saber teórico, da competência técnica e do caráter político das relações sociais, para uma parte considerável dos alunos pesquisados a disciplina de Sociologia encontra-se à margem do seu processo de formação.

Precisamos perguntar se o ensino das disciplinas humanas são um “anexo” às disciplinas específicas para que não reneguemos aos jovens a capacidade de “pensar o futuro” e participar das mudanças sociais que ainda virão orientando futuros profissionais dentro de uma incapacidade social de conviver e pensar o diferente.

3.3 Desempenho na Educação Semipresencial

Nesta categoria, pretende-se avaliar o desempenho dos educandos com relação as formas da avaliação usadas no semipresencial na (SUPRIMIDO). Foram destacadas 03 subcategorias que serão analisadas a seguir.

No que tange ao ponto C1 (fatores de reprovação), os alunos indicam alguns fatores principais, como o tempo das aulas (presenciais) que é pouco, as atividades à distância que são muitas e complexas e ocorrem sem a supervisão do professor, assim como a falta de tempo e a falta de um professor para tirar dúvidas. Sobre estes pontos, podemos analisar algumas questões referentes à análise do perfil discente que estuda no semipresencial da (SUPRIMIDO).

Nesta geração os alunos são frutos de uma educação voltada para a disciplina das ações educacionais. De acordo com os processos gerais da educação no capitalismo tardio, voltado para a padronização como se espera do “proletário ativo” no mercado de trabalho, não educamos nossos jovens para uma vida intelectual ativa (Enguita, 1989). No Brasil, isso pode representar que a análise progressista da educação da escola nova falhou em seus elementos centrais, o “aprender a aprender” fora substituído por um aprender a se adaptar, sem a liberdade intelectual que pensavam os escolanovistas (SAVIANI, 2008). Independentemente do que se pode afirmar teoricamente o fato concreto é que os discentes não estão, ou não se sentem, preparados para a educação semipresencial, por isto precisam de um professor “para tirar dúvidas” e entendem o conteúdo como “difícil”.

Outra questão que podemos destacar é o conflito existente entre a educação presencial e semipresencial. As disciplinas semipresenciais são consideradas como um complemento “rápido” das disciplinas presenciais (pois duram 03 meses, podem ser feitas à qualquer momento, por terem apenas uma aula obrigatória, dentre outros motivos). Afirmam que algumas disciplinas “importantes” deveriam sair do modelo semipresencial, como a bioestatística.

No fator “importância das aulas presenciais” (C2) 07 dos alunos entrevistados vão afirmar que estas auxiliam a guardar os conteúdos ministrados, conteúdos estes que não podem ser apreendidos no ambiente virtual. Outros discentes (07) vão afirmar que as aulas presenciais possibilitariam debates, que consideram essenciais para o desenvolvimento da disciplina de Sociologia. De fato, a desconstrução dos processos naturalizados da sociedade pode ocorrer na conjunção entre fala e teoria, onde o aluno é protagonista da percepção. A fala destes discentes não quer dizer que isto não ocorra virtualmente, mas que “é como se não ocorresse”, pensamento este oriundo, dos métodos indicados pelas Orientações Curriculares Nacionais para o ensino de Sociologia no Ensino Médio (2006).

O ponto “principais dificuldades das avaliações” (C3) vai versar sobre as dificuldades apontadas pelos alunos no processo de aprendizagem. Parte considerável dos alunos (08) afirmara que há uma espécie de dificuldade para responder as questões discursivas da disciplina. Estas questões são formuladas relacionado reflexões pessoais, teoria e análise da conjectura política,

buscando estabelecer uma visão crítica da sociedade e a dificuldade dos mesmos em responder tal nível de questão nos remete, primeiramente, à dificuldade de leitura esperada do ingresso devido as condições de formação da educação básica, segundo ao processo de alienação cultural que vivem os indivíduos que vivem sobre normatização imposta pelas mídias sociais e outras formas de comunicação de massa (Harvey, 2009).

Outro grande grupo de alunos (07) vai relacionar suas dificuldades nas avaliações com o tempo, de leitura do Guia de Estudos (material de apoio escrito pelo professor da disciplina), para realização das atividades, o tempo de aula presencial ou dedicação à disciplina do semipresencial. Sobre a questão do tempo, pode-se afirmar que o caráter “inferior” das disciplinas em relação às disciplinas presenciais somam sobre a gestão do tempo do educando, mas também pode-se atribuir o tempo diminuto (03 meses do início ao fechamento da disciplina) para realização das atividades e avaliações, ocorrendo simultaneamente ao calendário presencial.

Podemos afirmar como fato é que as questões avaliativas passam por análise externa, que visa proporcionar a qualidade pedagógica da questão, o Guia de Estudos passou por análise institucional e o docente tem sua curta experiência (em termo de tempo) no ensino superior baseada na educação semipresencial e a distância, atuando como tutor na Universidade Aberta do Brasil (UAB). Estes dados nos falam que os conteúdos avaliativos e a formação docente tendem a diminuir as desigualdades que possam vir a ocorrer no processo de avaliação. No entanto, sabemos que os processos formativos e pedagógicos visam diminuir os ruídos da comunicação professor-aluno, mas não os eliminar, coisa que não pode ocorrer para o próprio fator democrático da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento tecnológico pode ser uma ferramenta importante para o acesso e aprimoramento dos processos educacionais. Este artigo, apesar de não intensificar a análise desta questão, aponta para outro aspecto importante, e empírico, das possibilidades que pretendesse alcançar no futuro: nosso educando está pronto para a inserção de mediações tecnológicas na educação ou educação à distância? Os nossos dados comprovam é que os educandos estão com dificuldades não apenas tecnológicas, mas culturais (cultura educacional e de consumo) de acessar o aprendizado a partir da tecnologia.

Não sabem o papel do professor, do aluno e não conseguem se posicionar neste espaço: para ele é mais interessante que o aluno “aprenda matérias” e o professor “passe matérias” do que as

múltiplas faces e possibilidades da educação superior e a mediação tecnológica. Igualmente não sabem especificar o papel do ensino de Sociologia e compreendem a disciplina, na modalidade que se encontra, como uma ferramenta de apoio, relegada ao segundo plano.

Concluirmos então que temos muito o que caminhar no sentido de buscar uma real inserção tecnológica na educação e no ensino de capacidades críticas medidas pela tecnologia, cremos que esta pesquisa e os dados apontados podem auxiliar, assim como elucidaram os pesquisadores na compreensão de suas falhas, acertos na prática docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta, 2009.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A reprodução: Elementos para uma teoria do ensino*. trad. Reinaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. Site de Informações e debate sobre a Prova Brasil - *QEdu*. Disponível no link <http://www.qedu.org.br/>, acessado em 03 de Maio de 2016.

Ciências Humanas e suas Tecnologias/Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006.

Conselho Nacional de Educação, CNE. Resolução CNE/CES 4, de 19 de Fevereiro de 2002, *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Fisioterapia*. Brasília, 2002.

ENGUITA, Mariano Fernández. *A Face Oculta da Escola: Educação e Trabalho no Capitalismo*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

HARVEY, David. *A Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 18ª Edição. Trad. Adail Ubiraja Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2009.

MEAD, Margaret. *Adolescência y Cultura in Samoa*. 2ª Ed. Buenos Aires: Samoa, 1961.

SAVIANI, Dermeval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. 2ª Edição. Campinas: Autores Associados, 2008.

Recebido em: 10 de fev. 2017

Aceito em: 27 de abr.2017